

Desemprego feminino nunca foi tão baixo, mas desafios persistem

Carga maior de trabalho doméstico é uma das dificuldades para que mulheres tenham taxa de ocupação similar à dos homens no país

Por **Marsílea Gombata** — De São Paulo

02/01/2025 05h00 - Atualizado há 3 horas

A combinação de mercado de trabalho aquecido e taxa de participação mais baixa levou o desemprego entre mulheres ao menor patamar já registrado. Questões estruturais, como divisão desigual dos afazeres domésticos, e conjunturais, como aumento das transferências de renda, ajudam a explicar o cenário, segundo economistas.

Levantamento feito pela LCA Consultores, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua, mostra que a taxa de desemprego entre mulheres chegou a 7,7% no terceiro trimestre de 2024 (dado mais recente), ante 8,6% no trimestre anterior. Um ano antes, no terceiro trimestre de 2023, o desemprego entre mulheres chegou a 10,7%. Os dados têm relação direta com o mercado de trabalho aquecido, mas também embutem questões estruturais, afirma Bruno Imaizumi, economista da LCA responsável pelo levantamento. Para os homens, a taxa de desemprego estava em 5,1% no terceiro trimestre de 2024 e a geral no país ficou em 6,4% - em ambos os casos é a menor desde o fim de 2013.

“O cenário está relacionado a esse bom momento do mercado, no qual muitas pessoas conseguem se ocupar tanto na formalidade quanto na informalidade”, diz Imaizumi, ao destacar o período do fim do ano, quando aumenta a demanda por mão de obra em diferentes tipos de contrato de trabalho.

“Mas há também um ponto particular, que diz respeito à menor participação das mulheres no mercado de trabalho. Vivemos em uma sociedade em que são elas as encarregadas de afazeres domésticos e cuidados de crianças ou de idosos debilitados na família.”

Essa carga cresceu de forma importante na pandemia, diminuiu com a abertura da economia, mas tende a ser considerável diante do processo de envelhecimento da população brasileira, afirma o economista.

A última pesquisa Pnad Contínua - Outras Formas de Trabalho, de 2023, mostrou que em 2022 as mulheres dedicavam 9,6 horas semanais a mais do que homens às tarefas domésticas e cuidados de pessoas. Essas demandas consumiam 21,3 horas semanais das mulheres, ante 11,7 horas dos homens. Na pesquisa anterior, feita em 2019, as mulheres apareciam dedicando a essas tarefas 10,6 horas semanais a mais do que os homens.

Um dos resultados dessa carga maior é a redução da taxa de participação das mulheres na força de trabalho, ou seja, a diminuição da população feminina em idade para trabalhar (acima de 14 anos) que está ocupada ou em busca de um emprego.

No terceiro trimestre de 2024, a taxa de participação feminina na força de trabalho chegou a 52,8%, acima dos 52,6% no segundo trimestre do ano passado e dos 52,3% do terceiro trimestre de 2023. O percentual, contudo, é menor do que o de dois anos antes, quando a taxa de participação feminina chegou a 53,4% no terceiro trimestre de 2022. No caso dos homens, a taxa de participação ficou em 72,6% no terceiro trimestre de 2024.

Em 2019, a taxa de participação feminina havia atingido o nível mais alto desde o início de 2012, quando começa a série histórica: 54,6% no terceiro trimestre daquele ano.

Hélio Zylbersztajn, professor sênior da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) da Universidade de São Paulo e coordenador do Salariômetro da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), lembra que a taxa de participação total no Brasil chegou a patamares recordes em 2019, mas acredita ser difícil voltarmos a níveis semelhantes.

“

Mercado não absorve todo o potencial que trabalhadoras têm a oferecer”

— Lucas Assis

“O máximo de taxa de participação que tivemos foi no pré-pandemia, quando chegamos a 63,8%, o que podemos encarar como um limite [dessa taxa]. Hoje estamos em 62,4%. Ou seja, para termos a taxa de participação que tínhamos em 2019 precisaríamos ‘pescar’ fora do mercado de trabalho 2,5 milhões de pessoas”, afirma.

“E isso me parece muito difícil de isso acontecer, porque há muito mais transferências de renda hoje do que em 2019. Os programas de transferência de renda acabam sendo um desincentivo à participação.”

Lucas Assis, economista da **Tendências** Consultoria, observa que, apesar da baixa taxa de desocupação dentre as mulheres atualmente, os indicadores de mercado de trabalho são historicamente piores para elas.

“O nível de ocupação das mulheres é inferior ao dos homens, o que ocorre tanto pela menor participação no mercado de trabalho quanto pela maior taxa de desocupação desse grupo”, diz.

“Além disso, a subocupação por insuficiência de horas trabalhadas atinge de forma mais acentuada as mulheres, sugerindo que o mercado de trabalho não está absorvendo todo o potencial que essas trabalhadoras têm a oferecer à economia.”

Uma das razões para a elevada subutilização dentre mulheres, argumenta, é a maior presença delas na força de trabalho potencial, composta por quem está disponível para trabalhar, mas não procura trabalho.

“Muitas delas afirmam não ter tomado providência para conseguir uma ocupação por ter de cuidar de afazeres domésticos, de filho ou de outro parente, motivo quase irrelevante entre os homens”, afirma Assis.

Esse quadro, diz o economista, reforça a importância atribuída à expansão da rede de cuidados de crianças, idosos e pessoas com deficiência, o que poderia ampliar a participação das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, contribuir de forma positiva para o crescimento da renda nacional e das receitas tributárias.